

Os desencontros entre o homem e o cavalo: uma análise do conto “Centauro”, de José Saramago

*The misencounters between man and horse:
an analysis of the short story ‘Centauro’ by José Saramago*

JOÃO ARTUR RODRIGUES FERNANDES
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
E-mail: arturfernandes986@gmail.com

Resumo: Este trabalho visa apresentar uma análise do conto “Centauro”, de José Saramago, publicado pela primeira vez em 1978 no livro *Objecto Quase*. No conto, tem-se a história do último sobrevivente da linhagem dos centauros, que, justamente por ser o único de sua raça, vive a se refugiar e a se esconder da humanidade. Esta análise, portanto, traz os desencontros sofridos pelo homem e pelo cavalo, que constituem o centauro saramaguiano, como uma consequência da imposição dos tempos modernos, em que a sua existência como tal já não é mais aceita e, por isso, impossível.

Palavras-chave: José Saramago; *Objecto Quase*; Centauro.

Abstract: This work aims to present an analysis of the short story “Centaur” by José Saramago, first published in 1978 in the book *Objecto Quase*. In the story, we encounter the tale of the last survivor of the centaur lineage, who, precisely because he is the sole representative of his race, lives in constant hiding from humanity. This analysis, therefore, explores the misencounters suffered by man and horse, which constitute Saramago’s centaur, as a consequence of the imposition of modern times, where his existence as such is no longer accepted and, therefore, impossible.

Keywords: José Saramago; *Objecto Quase*; Centaur.

O conto “Centauro”, do romancista, poeta e dramaturgo português José Saramago, integra um conjunto de seis narrativas que compõem o seu livro *Objecto Quase*, originalmente publicado em 1978. Nesta história, é retrata a trajetória do “[...] último sobrevivente da grande e antiga espécie dos homens-cavalos” (SARAMAGO, 1994, p. 111), um centauro que, por ser o único restante de sua raça, vive a vagar sozinho pelo mundo e a se esconder da humanidade, até que, em meio a uma emboscada, despenca de um desfiladeiro, cai sobre uma pedra pontiaguda e morre, sendo, antes disso, dividido em duas partes.

Todavia, a presença de um centauro no conto não se revela ao leitor de forma tão nítida nas linhas iniciais. Na verdade, inicialmente, parece haver duas personagens individuais e distintas contracenando em um mesmo espaço, a saber, um cavalo e um homem:

O cavalo parou. Os cascos sem ferraduras firmaram-se nas pedras redondas e resvaladiças que cobriam o fundo quase seco do rio. **O homem** afastou com as mãos, cautelosamente, os ramos espinhosos que lhe tapavam a visão para o lado da planície (SARAMAGO, 1994, p. 107, grifos nossos).

É ao longo do conto e, é claro, sabendo que a figura mitológica do centauro corresponde a um ser híbrido de homem mais cavalo, que o conteúdo do texto vai se conectando ao seu título. Ou seja, vai ficando evidente que o homem e o cavalo, as partes constituintes do centauro, estão em um constante desentendimento. Assim, ainda que à revelia, o homem e o cavalo vivem fadados a compartilhar um só corpo, o do centauro, que, por sua vez, “[...] é um ser dividido em dois mundos: um representado pela ‘animalidade’ e o outro pela ‘humanidade’” (FAURI, 2021, p. 151):

O homem largou os ramos com um movimento descuidado e arranhou-se: soltou um ronco inarticulado e levou o dedo à boca para chupar o sangue. **O cavalo** recuou batendo as patas, varreu com a cauda as ervas altas que absorviam os restos da humidade ainda conservada na margem do rio pelo abrigo que os ramos pendentes faziam, cortina àquela hora negra (SARAMAGO, 1994, p. 107, grifos nossos).

O trecho acima evidencia a relação de interdependência entre as partes, uma vez que o cavalo demonstra uma reação, a seu modo, em decorrência de um machucado sofrido pelo homem. Dessa maneira, embora o homem e o cavalo tenham, cada qual, uma forma de reagir perante as mesmas situações vivenciadas, há um fio comum que liga essas duas metades – a sobrevivência. Nesse viés, o homem e o cavalo colaboram um para a manutenção do outro:

O cavalo teve sede. Aproximou-se da corrente de água, que estava como parada sob a chapa da noite, e quando as patas da frente sentiram a frescura líquida, deitou-se no chão, de lado. **O homem, com o ombro assente na areia áspera, bebeu longamente, embora não tivesse sede** (SARAMAGO, 1994, p. 108, grifos nossos).

No fragmento acima, por sua vez, é demonstrada a empatia do homem para com o cavalo, tendo em vista que, dada a divisão anatômica do corpo de um centauro, há necessidades de uma das partes que só podem ser supridas com o auxílio da outra. Nesse caso, isso acontece quando o cavalo sente sede, mas, não possuindo boca ou quaisquer órgãos responsáveis pela atividade de ingestão, é reservada ao homem a responsabilidade de beber a água, ainda que, como destacado, não esteja com sede. Contudo, nem sempre é observada tal harmonia nessa relação, ainda mais considerando as incompatibilidades, sobretudo físicas, entre o homem e o cavalo:

Encontrar posição para dormir que a ambos conviesse, era sempre uma operação difícil. Em geral, o cavalo deitava-se de lado e o homem repousava também assim. Mas enquanto o cavalo podia ficar uma noite inteira nessa posição, sem se mexer, o homem, para não mortificar o ombro e todo o mesmo lado do tronco, tinha de vencer a resistência do grande corpo inerte e adormecido para o fazer voltar-se para o lado oposto: era sempre um sonho difícil. **Quanto a dormir de pé, o cavalo podia, mas o homem não.** E quando o esconderijo era demasiado estreito, a mudança tornava-se impossível e a exigência dela ansiedade. Não era um corpo cómodo. **O homem nunca podia deitar-se de bruços sobre a terra, cruzar os braços sob o queixo e ficar assim a ver as formigas ou os grãos de terra, ou a contemplar a brancura de um caule tenro saindo do negro húmus** (SARAMAGO, 1994, p. 110, grifos nossos).

Desse modo, a simples atividade de dormir é tida como uma tortura para o homem, que, diferentemente do cavalo, não possui a facilidade de dormir em pé ou de permanecer ininterruptamente em uma mesma posição. Por esse e por outros motivos, a coocorrência com o cavalo passa a ser uma tarefa árdua para o homem, que, ao longo dos vários anos, já tentou superar as ações de natureza instintiva do animal:

Com o tempo, e tivera muito e muito tempo para isso, aprendera os modos de moderar a impaciência animal, algumas vezes opondo-se a ela uma violência que eclodia e prosseguia toda no seu cérebro, ou porventura num ponto qualquer do corpo onde se entrechocavam as ordens que do mesmo cérebro partiam e os instintos obscuros alimentados talvez entre os flancos, onde a pele era negra (SARAMAGO, 1994, p. 108).

No entanto, apesar das desarmonias, há um momento em que as diferenças entre as partes são postas de lado – no sonho. No universo onírico, o homem e o cavalo deixam de ser dois e tornam-se um, revelando-nos, enfim, o centauro. Esse aspecto, inclusive, é destacado na própria escrita do conto, tendo em vista que, quando se trata dos momentos de sonho, não se verificam mais distinções entre o que seriam os sonhos do homem e os do cavalo, mas uma confluência de ambos que resulta no sonho do centauro:

Nunca sonhava como sonha um homem. Também nunca sonhava como sonharia um cavalo. Nas horas em que estavam acordados, as ocasiões de paz ou de simples conciliação não eram muitas. **Mas o sonho de um e o sonho do outro faziam o sonho do centauro** (SARAMAGO, 1994, p. 111, grifos nossos).

Percebe-se, portanto, que as discordâncias e os desencontros vivenciados pelas partes do centauro se perpetuam apenas no mundo físico da narrativa. Ao sonhar, por outro lado, a conciliação, que é rara nos demais momentos do dia, torna-se simplesmente completa.

Em seu sonho, sempre o mesmo, o centauro retorna a um fatídico episódio: a batalha dos Lápitias. Esse conflito, que foi a sua primeira batalha, representou também a grande derrota dos seus irmãos, que, após o falhanço, refugiaram-se nas montanhas. Lá, foram surpreendidos por Hércules, que, com o auxílio dos deuses, conseguiu exterminar toda a raça dos homens-cavalos. Todos, com exceção de um, o centauro saramaguiano, que conseguiu escapar enquanto Hércules executava Nesso:

Tinham acabado então os centauros. Porém, contra o que afirmavam os historiadores e os mitólogos, um ficara ainda, este mesmo que vira Hércules esmagar num abraço terrível o tronco de Nesso e depois arrastar o seu cadáver pelo chão, como a Heitor viria a fazer Aquiles, enquanto se ia louvando aos deuses por ter vencido e exterminado a prodigiosa raça dos Centauros. Talvez repesos, os mesmos deuses favoreceram então o centauro escondido, cegando os olhos e o entendimento de Hércules por não se sabia então que desígnios (SARAMAGO, 1994, p. 111).

Assim, desde então, o centauro remanescente vive a rememorar o referido episódio bélico em seus sonhos, acrescentando ainda, dado que o sonho lhe permite isso, o que, digamos, enxergaria como uma espécie de bálsamo para o seu sofrimento – a vingança:

Todos os dias, em sonho, lutava com Hércules e vencia-o. No centro do círculo dos deuses, de cada vez e sempre reunidos às ordens do seu sonho, lutava braço a braço, furtava a garupa escorregadia ao salto astuto que o inimigo tentava, esquivava-se à corda que lhe assobiava entre as patas, e obrigava-o a lutar de frente. O seu rosto, os braços, o tronco, suavam como pode suar um homem. O corpo do cavalo cobria-se de espuma. Este sonho repetia-se há milhares de anos, e sempre nele o desenlace se repetia: **pagava em Hércules a morte de Nesso, chamava aos braços e aos músculos do torso toda a sua força de homem e de cavalo: assente nas quatro patas como se fossem estacas enterradas no chão, erguia Hércules ao ar e apertava, apertava, até que ouvia a primeira costela estalar, depois outra, e finalmente a espinha que se partia.** Hércules, morto, escorregava para o chão como um trapo e os deuses aplaudiam (SARAMAGO, 1994, p. 111-112, grifos nossos).

No sonho, o protagonista luta contra Hércules e vence-o, vingando, portanto, não só Nesso, mas todos os seus irmãos centauros. Todavia, o centauro, embora seja aplaudido pelos deuses, nada recebe como recompensa por tamanha bravura, mas, longe disso, encontra apenas o distanciamento das divindades, o que reforça ainda mais a sua solidão:

Não havia nenhum prémio para o vencedor. Os deuses levantavam-se das suas cadeiras de ouro e afastavam-se, alargando cada vez mais o círculo até desaparecerem no horizonte. Da porta por onde Afrodite entrava no céu, saía sempre e brilhava uma grande estrela (SARAMAGO, 1994, p. 112).

Nota-se, portanto, que, para o centauro, muito já havia sido perdido. Ainda que conseguisse de fato vencer o semideus Hércules, toda a sua espécie fora dizimada. Por isso, o centauro, simbolicamente tido como “[...] a figura mítica que exprime o encontro, o conflito, a síntese da força vital que se quer sem limite e da sabedoria meditativa, recolhida e serena” (NOUHAUD, 2005, p. 152), deixa de receber o prestígio que outrora chegou a possuir e passa a ser digno apenas de menosprezo e cólera. Percebe-se, desse modo, uma disparidade entre dois tempos – um passado longínquo, em que os centauros viviam normalmente à luz do dia e eram tidos como símbolos de glória, e um tempo presente, em que o centauro saramaguiano, o último de sua raça, vive fadado às sombras e à solidão. É em vista disso que o retorno a esse tempo passado por meio do sonho parece tão cômodo ao centauro:

Há milhares de anos que percorria a terra. Durante muito tempo, enquanto o mundo se conservou também ele misterioso, pôde andar à luz do Sol. Quando passava, as pessoas vinham ao caminho e lançavam-lhe flores entrançadas por cima do seu lombo de cavalo, ou faziam com elas coroas que ele punha na cabeça. Havia mães que lhe davam os filhos para que os levantasse no ar e assim perdessem o medo das alturas. E em todos os lugares havia uma cerimónia secreta: no meio de um círculo de árvores que representavam os deuses, os homens impotentes e as mulheres estéreis passavam por baixo do ventre do cavalo: era crença de toda a gente que assim floria a fertilidade e se renovava a virilidade (SARAMAGO, 1994, p. 112).

O centauro era louvado e visto como um símbolo atrativo de dádivas, tendo, por essa razão, sua presença comemorada pelos homens. Entretanto, os tempos mudaram, e, seguindo os desígnios dos tempos, toda essa admiração pela figura do centauro também mudou. É por isso que, no início do conto, “a duplicidade da personagem se prolonga por algumas páginas, que evidenciam que o centauro, ainda não revelado pelo narrador, migra de um mundo mítico para um mundo histórico” (LOPES, 2014, p. 165). Assim, já no que seria o tempo atual do conto, “quando o mundo

se transforma e a narrativa passa para o período moderno, representando um tempo mais próximo do nosso, em termos realistas” (LOPES, 2014, p. 168), percebe-se uma outra reação dos homens perante a figura mitológica do centauro:

Então chegou o tempo da recusa. **O mundo transformado perseguiu o centauro, obrigou-o a esconder-se.** E outros seres tiveram de fazer o mesmo: foi o caso do unicórnio, das quimeras, dos lobisomens, dos homens de pés de cabra, daquelas formigas que eram maiores que raposas, embora mais pequenas que cães. Durante dez gerações humanas, este povo diverso viveu reunido em regiões desertas. Mas, com o passar do tempo, também ali a vida se tornou impossível para eles, e todos dispersaram. Uns como o unicórnio, morreram; as quimeras acasalaram com os musaranhos, e assim apareceram os morcegos; os lobisomens introduziram-se nas cidades e nas aldeias e só em noites marcadas correm o seu fado; os homens de pés de cabra extinguiram-se também, e as formigas foram perdendo tamanho e hoje ninguém é capaz de as distinguir entre aquelas suas irmãs que sempre foram pequenas. **O centauro acabou por ficar sozinho** (SARAMAGO, 1994, p. 112-113, grifos nossos).

O trecho acima evidencia a perseguição dos homens não só ao centauro, mas a outras figuras não-humanas – “unicórnios”, “quimeras”, “lobisomens”, “homens de pés de cabra” e “formigas maiores que raposas e menores que cães”. No entanto, alguns desses seres, os que não foram extintos por completo, encontraram um modo de sobrevivência em meio aos humanos, como as quimeras, que acasalaram com os musaranhos, resultando nos morcegos; os lobisomens, que se introduziram nas cidades; e as formigas gigantes, que diminuíram de tamanho até se misturarem às formigas convencionais. O centauro, por outro lado, não teve o mesmo sucesso, acabando sozinho. Fica notório, dessa forma, que a brusca mudança ao longo dos milhares de anos passa a inibir a existência do centauro, “indicando que o protagonista está inserido num mundo em que sua presença seria impossível” (LOPES, 2014, p. 165). Não à toa, o centauro passa a sentir desconforto com relação à sua própria natureza, levando-o, em consequência disso, a uma não conciliação entre o homem e o cavalo que o constituem. Aí está a mestria do conto, uma vez que “em fins do século XX, Saramago concebe um centauro com todas as complexidades do mundo respectivo. Em seu interior, o centauro sofre duas forças que se opõem” (LOPES, 2014, p. 166).

Assim, em decorrência da não aceitação dos homens em relação ao centauro, a parte humana e a parte animal passam a experienciar a impossibilidade de uma vida em conjunto, o que, por milhares de anos, foi perfeitamente natural, visto que sentem a pressão de um tempo em que mais nada disso é interpretado como normal. Há, portanto, agora neste tempo presente, não mais o centauro, mas, sim, o homem e o cavalo, que, como visto ao longo do conto, estão em constante conflito. Por essa razão, ao centauro

cabe apenas a existência no mundo do sonho, em que há um retorno a tempos de outrora nos quais a sua existência como tal era aceita e, por isso, possível.

Fora desse espaço onírico, o centauro, às margens das civilizações humanas, vive a vagar, talvez à procura do que seria um lugar de pertencimento em que não sejam mais precisos os esconderijos e as fugas. Entretanto, foi inevitável ao centauro ficar fora do alcance humano, revelando sua existência e causando uma sequência de confusões:

Naquela noite, todo o país soube da existência do centauro. O que primeiro se julgara ser uma história inventada do outro lado da fronteira com intenção de desfrute, tinha agora testemunhas de fé, entre as quais uma mulher que tremia e chorava. Enquanto o centauro atravessava esta outra montanha, saía gente das aldeias e das cidades, com redes e cordas, também com armas de fogo, mas só para assustar (SARAMAGO, 1994, p. 123).

Uma vez cientes da aparição do centauro, os humanos passam a perseguir a criatura a todo custo. O centauro, por sua vez, continua a seguir o seu caminho, como sempre fazia, procurando “[...] os caminhos mais escondidos” (SARAMAGO, 1994, p. 123). O esforço do centauro, contudo, é insuficiente para escapar da perseguição humana:

Ouviu-se de repente um tiro. E então, num arco de círculo largo, saíram homens de detrás das pedras, em grande alarido, mas sem poderem disfarçar o medo, e avançaram com redes e cordas e laços e varas. O cavalo ergueu-se para o espaço, agitou as patas da frente e voltou-se, frenético, para os adversários. O homem quis recuar. Lutaram ambos, atrás, em frente. E na borda da escarpa as patas escorregaram, agitaram-se ansiosas à procura de apoio, e os braços do homem, mas o grande corpo resvalou, caiu no vazio (SARAMAGO, 1994, p. 123).

Em meio ao frenesi da emboscada, o centauro se desequilibra na borda de uma escarpa, despenca vinte metros no vazio e cai sobre “uma lâmina de pedra, inclinada no ângulo necessário” (SARAMAGO, 1994, p. 123-124), que o divide no exato lugar de encontro entre as metades humana e animal. É assim, embora partido, um *quase* homem, que a parte humana do centauro contempla seus últimos instantes de vida enquanto observa os deuses, que antes se distanciaram do centauro, aproximarem-se agora para lhe conceder a morte.

A divisão do corpo do centauro, nesse caso, é vista pela parte humana não como algo danoso. Pelo contrário, a sua separação do cavalo representa um momento de alívio no conto, pois não mais existiriam razões para a repulsa dos homens, uma vez que deixa de haver o centauro. Agora, eram apenas o homem e o cavalo. E, ao homem, que sofria tanto com a coexistência com o animal, é concedida a tranquilidade de ser apenas

homem, ou melhor, metade de um homem, que “então olhou o seu corpo. O sangue corria. Metade de um homem. Um homem” (SARAMAGO, 1994, p. 224).

Vê-se, desse modo, que, em meio a tempos modernos tão hostis e odiosos em relação àquilo que é diferente, para o centauro, o mais vantajoso foi ser metade daquilo que é aceitável – um meio homem:

As criaturas fantásticas, como o próprio Centauro, não mais têm lugar no espaço e no tempo contemporâneos – constituem, como tantos outros indivíduos “normais”, [...] o diferente ou, meramente, o não-igual. Por isso, talvez, o Centauro [...] acabe sendo literalmente caçado, encurralado e impossibilitado de continuar; caindo de um penhasco e finalmente partindo-se em dois, separando homem e cavalo (FAURI, 2021, p. 152).

Assim, com a cisão, e subsequente morte, é posto um fim na série de desencontros entre o homem e o cavalo que compunham o centauro, pois, depois de tanta opressão e desconformidade, “era tempo de morrer” (SARAMAGO, 1994, p. 124).

REFERÊNCIAS

- FAURI, A. Centauros muito além do jardim. **Brasil/Brazil: Revista de Literatura Brasileira**, Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 146-167, 2021.
- LOPES, T. M. A. A relação entre o mito e o maravilhoso em ‘Centauro’, de José Saramago. **Travessias Interativas**, São Cristóvão, n. 8, v. 4, p. 161-172, 2014.
- NOUHAUD, D. Centauros. In: BRUNEL, P. (org.). **Dicionário de mitos literários**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 151-159.
- SARAMAGO, J. *Objecto Quase*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.